



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



COCOS

BATUQUES, CANTOS E DANÇAS DE TERREIROS

Dácio Galvão

Do agreste cortado por rios, arisco e fértil à beira-mar com o litoral encoqueirado, as embarcações típicas sobre areias brancas, manguezal, laguna, cheiro de peixe, resquícios de mata atlântica e sua biodiversidade tropical é o cenário onde fecunda, depois da mistura cultural-moura/ibérica africana - aqui estruturada, um outro tipo de coco. O *coco musical, melódico* estimulador de festejos de comunidades praieiras ou ruralizadas. Cantado e tocado por mestres da arte de

versejar, de dançar acompanhados por instrumentos na sua maioria artesanais, sendo muitas vezes por eles próprios construídos através de material disposto em sua ambiência. Assim aparecem os *ganzás, ganzarinos, zambês ou paus-furados, chamas, puitas, bombos, pandeiros*. Tiradores de versos. Sim, verseiros categorizados: *emboladores de cocos, tirador e batedor de coco zambê, coco de roda, bambelô*. Alguns mestres estão definitivamente incorporados à história da cultura popular: Paulírio (RN), Cachimbino (PB), Caju e Castanha (PE), Chico Antonio (RN), Geraldo de Zé Cosme (RN), Seu Guedes (RN), Chico

Sena (RN), Teresinha (RN). Todos sobressaindo com o talento em períodos diferentes. Os estados de Pernambuco e Alagoas não ficam atrás. Diferenciados, assumem a atitude louvável de incentivar com orgulho seus cocos, seus *tiradores*, ou então a manifestação em si, traduzindo referência cultural. O primeiro projetando duas rascantes vozes femininas: Aurinha e Selma do Coco. Seja por aclamação popular, estímulo público ou privado.

(Cont.)

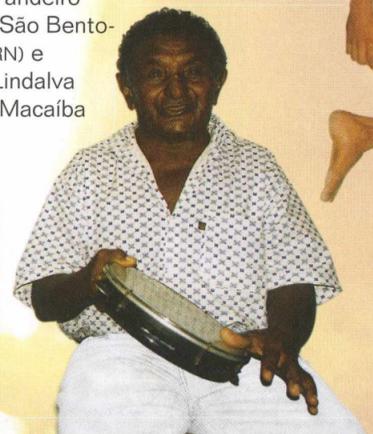


Lindalva (Macaíba/RN), Chico e Nazar do Pandeiro (São Bento/RN)

Existe ali essa sensibilidade sedimentando a identidade de um povo sem visão exótica ou paternalismo oficial. Ao contrário, grupos de cultura popular disputam e dividem a indústria cultural desqualificada, produzindo divisas e internacionalizando o turismo de qualidade. As Alagoas sugere a tese e cresce em auto-estima quando o assunto é coco. São vários grupos na capital e no interior fazendo dessa prática artística sua maior

vocação. Dois *coqueiros* se destacam: Jacu (Viçosa), criou o *Tranquiado* e Manuel Catuaba (Anadia) inventou o coco *Dobrado*. O pesquisador Manoel Diéguas Júnior, quando do encontro Cultural de Laranjeiras (AL), em 1976 afirmaria: "o coco nasceu nas Alagoas opinião esta ainda não contestada. Depois se estendeu para todo o Nordeste, embora com variações e formas diversas". A idéia de onde se originou o coco é difusa. Para alguns pesquisadores deriva da herança árabe, através de contatos à distância e ligamentos inter-raciais, (Luis Soler no livro "As raízes árabes na tradição poético-musical do sertão nordestino"). Para outros, originou-se no sul da França em áreas ocupadas em seus limites por árabes durante longo tempo, a partir do século XII com o movimento do trovadorismo provençal. Outro viés é a etiologia do coco ter bases ibéricas e africanas (Mário de Andrade) e ainda, aquele que sugere o ingrediente indígena. Há correntes apontando um olhar para matriz do atual forró, quando este ainda só era tocado por poucos

Chico Sena - Embolada



trabalho elaborativo de música popular brasileira, em particular naqueles onde se localizam fragmentos de etno-música: Jackson do Pandeiro, Lenine, Caetano Veloso (Araçá Azul), Antonio Nóbrega, Alceu Valença, Naná Vasconcelos e outros. É interessante registrar, a boa demanda de discos compactados, em sistema digital documentando na atualidade, *coqueiros*. No Rio Grande do Norte temos lançado recentemente os *Emboladas-cocos* com Barra Mansa, Caetano da Ingazeira (PE), Golinha (Montanhas-RN), Chico Sena (Parelhas-RN), Onésimo Maia (Mossoró-RN), e já gravado o "*Chico Antônio - carretilha de cocos*", trazendo como novidade Chico e Nazar do Pandeiro (São Bento-RN) e Lindalva (Macaíba



Mestre Geraldo de Zé Cosme - Zambê

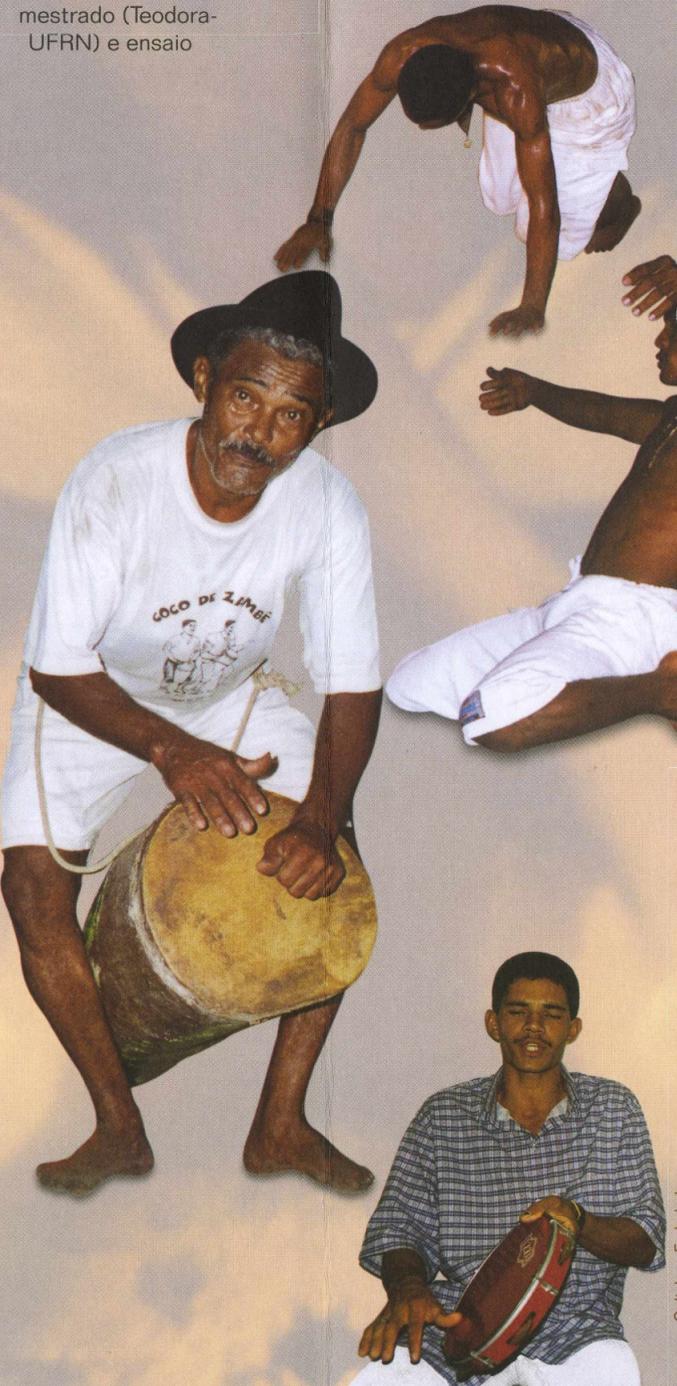


RN) cantando tributariamente, cocos inéditos de Chico Antônio coletados por Mário de Andrade. Também o CD "*Zambê-cocos*" uma belíssima coletânea do Mestre Geraldo de Zé Cosme (Cabeceiras-Tibau do Sul). Canto, dança e batuque de terreiro ou mesmo de periferia urbana os cocos em processo de globalização vão resistindo e ao

Galante

fotográfico (Candinha Bezerra).

COCO DE EMBOLADA - Normalmente cantado em dupla, acompanhado por pandeiro ou ganzá. Os



Golinha - Embolada

cantadores apresentam-se geralmente em feiras livres, logradouros públicos, sempre entrecortando seus cocos com pregões relacionados à venda de pomadas ou garrafadas de pretensões terapêuticas curativas. Os cantadores ficam no centro, e a platéia que vai chegando, forma uma círculo. Ao final de cada coco, "roda o pandeiro" ou seja, recolhe dinheiro do público presente. São versos decorados, ou improvisados provocando gracejos, momentos de sadio humor. Na área rural é comum participarem dos "pé-de-parede" madrugada a dentro. Tamborettes colados à parede de uma casa, cantadores sentados e a sua frente, um outro banco qualquer com um recipiente - "a bandeja" -, podendo ser inclusive um chapéu onde será depositada colaboração financeira voluntária. Não ocorrendo a atitude espontânea, a platéia então é solicitada. Nesse tipo de cantoria o virtuoso dos cantores pode ser apreendido, uma vez que ao se estabelecer o desafio de temas (religiosos, campestres, satíricos...) e gêneros de cantoria de cocos (*de pisada, trava-língua, carrerão, de quatro ou seis linhas...*) pode-se concluir o nível de criatividade de cada cantador. A contenda envolve interativamente os ouvintes possibilitando sugestões ou interferências. Não há

como não relacionar aspectos da postura artística de emboladores com os de cantadores de viola: um relativo nomadismo; forma de apresentação (pé-de-parede) e estruturas estróficas de versos em linhas.

COCO DE RODA - Expressão de canto e dança característica de beira de praia. Com quinze, vinte, trinta componentes. Homens e mulheres formando pares giram em círculos continuamente. Eles de calça de pescador, elas de saia rodada e colares. Cadenciada e de uma monotonia sedutora essa modalidade de coco impõe também a figura de um *tirador*, no centro da roda com ganzá e um outro brincante, com um tambor. O coro é formado por todos os dançarinos que no compasso do corpo e na marcação do refrão dão respostas ao canto do *tirador* de cocos, o solista. Todos de mãos dadas em movimento de um lado para o outro, ou direita e esquerda, mas sempre sem desfazer a roda, descalços giram num só sentido entoando cantos que remetem ao seu habitat. Grandes *tiradoras de coco* permanecem vivas e respeitadas na memória popular. São elas: D. Agripina de



Coco de Roda do Mestre Zeca (Canguaretama/RN)

Pernambquinho de Tibau do Sul e D. Maria Belchior de Canguaretama. São vozes que apesar do tempo ecoam por sobre dunas e tableiros daqueles rincões.

COCO DE ZAMBÊ - Antigamente comum também no agreste, hoje restrito ao litoral sul do estado. Com variação na sua formação, entre dez a dezesseis componentes. Canta-se e dança-se tendo a seguinte composição: instrumentos percussivos - *Zambê, Chama e Lata* e

os demais, dançarinos formando círculo. Os instrumentos em tronco de árvores são aquecidos em uma pequena fogueira e

Galante
 Scriptoria Candinha Bezerra
 FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
 Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790
 E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
 Direção Artística e de Pesquisa e Texto
 Dácio Galvão
 Fotografias
 Candinha Bezerra
 Fotografia de Chico Antônio
 Mário de Andrade,
 extraída do livro
 A IMAGEM DE MÁRIO
 Programação visual e retoque digital
 CO2 COMUNICAÇÃO



Coco de Zambê de Pernambuco (Tibau do Sul/RN) - Teatro Alberto Maranhão

Mestre Zeca - Coco de Roda (Canguaretama/RN)

com o toque percutado exercem na dança individualiza a reverência ritualística. Todos os brincantes dançam em função dos instrumentos saindo da roda e deles se aproximando em evoluções próprias, lembrando em alguns momentos uma proto-capoeira. Os assuntos tratados nas letras dos cocos refere-se ao cotidiano dos dançarinos que são pescadores ou trabalhadores de agricultura de subsistência. Então, o mar, a cobra, o peixe, o veado, a lagoa, a mata são ícones. Há o cantador-solo ou *tirador de cocos* e os respondedores ou coristas que normalmente são três. Tem um momento de exceção na dança individual, quando se *tira* o *coco do Canga-luê*. Esse coco pressupõe dois dançarinos no centro da roda sem direção aos instrumentos, com uma das mãos apertadas ao parceiro girando e pulando sobre eles próprios. Não há passos ou evoluções pré-estabelecidas. A descoberta do corpo, dá-



Brincantes do Coco de Roda de Cabeceiras (Tibau do Sul/RN)

se no exercício da própria dança ou vice-versa. Quando um dançarino sai e outro entra na roda, o cumprimento é a umbigada. É uma dança que no passado atrelava-se ao ciclo do corte da cana-de-açúcar e hoje se dança nos terreiros de noite não sendo permitida no grupo a

presença feminina. Exige vigor e destreza. O próprio confeccionamento escultórico dos instrumentos já é um indicador, pois é preciso uma robusta cajarana, ou mangueira, ou cajueiro, ou coqueiro gigante tombar para se iniciar o processo. O couro é de bovino,

recortado da região "do vazio" da rês entre a barriga baixa e a pata traseira. A idumentária é uma calça do tipo "pegabode" que era feita de saco de açúcar alvejado. O grupo de adolescentes de Pernambuco vem se destacando no cenário local.

BAMBELÔ - Como as demais formas de se cantar e dançar cocos, é configurado em círculo, com o *tirador* e *respondedores* de cocos. *Pau-furado* e *Puita* similares à estrutura instrumental do Zambê. O Babelô memorável é o do mestre Guedes, o *Babelô Asa Branca* desativado há algum tempo depois do seu falecimento. Em São Gonçalo do Amarante temos um grupo organizado e atuando. O Babelô no Rio Grande do Norte é um hibridismo entre o coco de Zambê e o de Roda. Seus cantos, toques ou dança hora lembram um, hora lembram outro. A umbigada entre os dançarinos nessa modalidade é mais evidenciada e seus trajes multicoloridos mais lembra os brincantes de folguedos e danças de tradição dramáticas (Congos, Boi-de-Reis, Caboclinhos...), que os de seus congêneres mais próximos.

O COQUEIRO, CHICO ANTÔNIO DA VILA NOVA

DEPOIS QUE MÁRIO DE ANDRADE VISITOU O RIO GRANDE DO NORTE (14/12/1928 A 28/01/1929) COMO PARTE DO ROTEIRO DA SUA "VIAGEM ETNOGRÁFICA", O COQUEIRO CHICO ANTÔNIO (VILA NOVA HOJE PEDRO VELHO/RN, 1908 - 1993) PASSOU A TER O SEU MERECIDO ESPAÇO NA HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA. O PESQUISADOR FIXOU-O DEFINITIVAMENTE EM QUATRO LIVROS: O TURISTA APRENDIZ; AS MELODIAS DE BOI; OS COCOS E VIDA DE CANTADOR. O COQUEIRO-TENOR TEVE SEUS TRAÇOS MARCANTES -COREOGRAFIA, CANTO, IMPROVISAÇÕES, INSTRUMENTO, TIPOLOGIA- OBSERVADOS SOB O PONTO DE VISTA POÉTICO E ESTETIZANTE, E ESSE DIMENSIONAMENTO, O PROJETARIA COMO O MAIS IMPORTANTE COQUEIRO DO BRASIL.

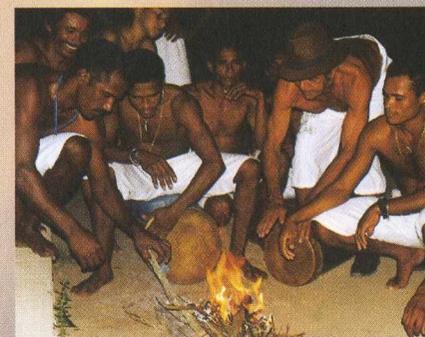
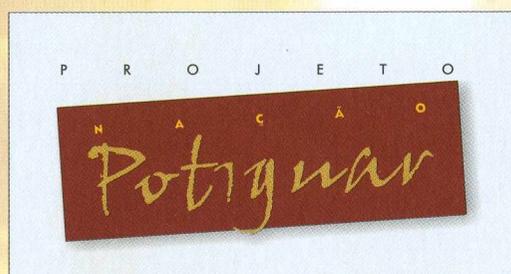
DAÍ PRA DIANTE, OCORRERIA O RECONHECIMENTO EM DISCO (LP NO BALANÇO DO GANZÁ- CHICO ANTÔNIO/PAULÍRIO); O DOCUMENTÁRIO "CHICO ANTÔNIO, O HERÓI COM CARÁTER DE EDUARDO ESCOREL; A PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMA TELEVISIVO EM REDE NACIONAL DO APRESENTADOR ROLANDO BOLDRIN; REVERÊNCIA À SUA MEMÓRIA ARTÍSTICA NOS CD'S "NA PANCADA DO GANZÁ" E "MADEIRA QUE CUPIM NÃO ROI" DE ANTÔNIO NÓBREGA; E DE SEUS COCOS "TANGO NO MANGO" GRAVADO PELO MESTRE AMBRÓSIO E "EU VOU, VOCÊ NÃO VAI" PELO BREBOTE, CD NAÇÃO POTIGUAR.

ALÉM DE UM OLHAR TRIBUTÁRIO, O CD OPORTUNIZA A AUDIÇÃO DE CRIAÇÕES E OU VERSÕES DE CHICO ANTÔNIO COLETADAS A PARTIR DO ÚNICO LP POR ELE GRAVADO, EM PARCERIA COM "PAULÍRIO" (MONTANHAS/RN); QUAIS SEJAM: BOI TUNGÃO, HELENA, PINTO PELADO, TINGUELÊ. OUTROS COCOS COMPLEMENTAM O REPERTÓRIO, GARIMPADOS POR M. DE ANDRADE: JURUPANÃ; EU VOU, VOCÊ NÃO VAI; RONCA O BESOURO; DOIS TATUS; CRIÓULA; TANGO NO MANGO E A CARRETIHA, QUE É UM AJUNTAMENTO DE FRAGMENTOS DE COCOS EM MEIO A "QUATRO CRÔNICAS DE O TURISTA APRENDIZ" ESCRITO EM NATAL/RN EM 20/12; 22H) NUNCA GRAVADOS, PORÉM REGISTRADOS EM LIVROS COM SUAS MELODIAS GRAFADAS.

PARA TANTO, JUNTOU-SE POR ESSAS BEIRAS DE PRAIAS POTIGUARES, NUM CLIMA DE RELEITURA CRIATIVA, O MAIS EXPRESSIVO E ATUANTE EM CANTORIA DE COCOS: NAZAR E CHICO DO PANDEIRO (SÃO BENTO/RN); GOLINHA (MONTANHAS/RN), NETO DE PAULÍRIO; BARRA MANGA E CAETANO DA INGAZEIRA (TIMBAÚBA/PE); LINDALVA (MACAÍBA/RN). SALIENTE-SE AINDA QUE O GANZÁ UTILIZADO NO "BOI TUNGÃO" PERTENCEU A PAULÍRIO. VAMOS AGORA NOS EMBOLÁ, POIS "CORRE A LENDA QUE CHICO ANTÔNIO TEM PARTE COM O MAIORAL".



Coco de Zambê de Pernambuco - (Tibau do Sul/RN)



Aquecimento do Zambê - (Tibau do Sul/RN)